



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2017
Ricardo Monteiro Guedes de Almeida
PSICOANÁLISIS AS ESTABILIZAÇÕES NA PSICOSE: METÁFORA DELIRANTE E SINTOMA
Revista Affectio Societatis, Vol. 14, N.º 26, enero-junio de 2017
Art. # 1 (pp. 13-32)
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

AS ESTABILIZAÇÕES NA PSICOSE: METÁFORA DELIRANTE E *SINTHOMA*

Ricardo Monteiro Guedes de Almeida¹
Universidade Católica de São Paulo, Brasil
ricardopsi@gmail.com

Resumo

O presente artigo, visa discutir sobre as estabilizações psicóticas, a metáfora delirante e o *sinthoma*, tomando como referência as leituras psicanalíticas de Freud e Lacan, respectivamente, sobre o presidente Schreber e o escritor irlandês James Joyce. Concluiremos que a suplência subjetiva que o sujeito psicótico pode recorrer na busca de sua estabilização não

se restringe à metáfora delirante. O psicótico também poderá encontrar diferentes soluções para o seu adoecimento, tal como produzir um *sinthoma*, a exemplo de Joyce com sua arte.

Palavras-chaves: estabilizações psicóticas, metáfora delirante, *sinthoma*, suplência.

LAS ESTABILIZACIONES PSICÓTICAS: LA METÁFORA DELIRANTE Y EL *SINTHOME*

Resumen

El presente artículo pretende discutir sobre las estabilizaciones psicóticas, la metáfora delirante y el *sinthome*, tomando como referencia las lecturas psicoanalíticas de Freud y Lacan sobre el presidente Schreber y el es-

critor irlandés James Joyce, respectivamente. Se llega a la conclusión de que la suplencia subjetiva que el sujeto puede evocar en la búsqueda de su estabilización no se restringe a la metáfora delirante. El psicótico tam-

1 Psicólogo e Psicanalista. Mestre e doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Núcleo de Pesquisa "Psicanálise e Sociedade" nesta instituição. ricardopsi@gmail.com

bién podrá encontrar diferentes soluciones para su padecimiento, tales como producir un *sinthome*, a modo de Joyce con su arte.

Palabras clave: estabilizaciones psicóticas, metáfora delirante, *sinthome*, suplencia.

PSYCHOTIC STABILIZATIONS: THE DELUSIONAL METAPHOR AND *SINTHOMES*

Abstract

This paper pretends to discuss on psychotic stabilizations, delusional metaphor and *sinthome*, by having as reference Freud and Lacan's psychoanalytic readings on judge Schreber and the Irish writer James Joyce, respectively. It is concluded that the subjective substitution that the subject may evoke in the search of his/her stabilization is not restricted to

the delusional metaphor. The psychotic person will also be able to find different solutions for his/her affliction, such as the production of a *sinthome*, as Joyce did with his art.

Keywords: psychotic stabilizations, delusional metaphor, *sinthome*, substitution.

LES STABILISATIONS PSYCHOTIQUES : LA MÉTAPHORE DÉLIRANTE ET LE *SINTHOMES*

Résumé

Cet article aborde une discussion sur les stabilisations psychotiques, la métaphore délirante et le *sinthome*, en se basant sur les lectures psychanalytiques de Freud et de Lacan à propos du président Schreber et de l'écrivain anglais James Joyce. L'on arrive à la conclusion que la suppléance subjective, évoquée éventuellement par le sujet dans la recherche de sa stabili-

sation, n'est pas restreinte à la métaphore délirante. Le psychotique peut également trouver différentes solutions pour sa souffrance, telles que la production d'un *sinthome*, à la manière de Joyce à travers son art.

Mots-clés : stabilisations psychotiques, métaphore délirante, *sinthome*, suppléance.

Recibido: 13/08/16 • Aprobado: 11/09/16

Sabemos que Freud não chegou a desenvolver, necessariamente, uma clínica da psicose. Por outro lado, seu legado sobre o tema é de fundamental importância, principalmente porque forneceu subsídios para que, décadas depois, Lacan viesse propor, de fato, um tratamento possível para psicose. Sob esta ótica, o delírio pode ser compreendido como uma tentativa de elaboração do psicótico em direção a uma estabilização. Porém, como pretendemos enfatizar neste trabalho, a elaboração delirante, tal como em Schreber, não consiste na única tentativa de solução apresentada pelos sujeitos psicóticos.

Neste sentido, pretendemos realizar uma discussão sobre as estratégias de estabilização na psicose estudadas por Lacan: a metáfora delirante e o *sinthoma*. A perspectiva estrutural da psicose adotada por ele e as consequências da não inscrição do *Nome-do-Pai* serão os primeiros pontos que iremos abordar. Em seguida, versaremos sobre a questão da suplência e do objeto *a* na psicose, tendo como objetivo o tema da estabilização. Ao final deste trabalho, abordaremos uma diferenciação entre as leituras psicanalíticas sobre Schreber e James Joyce. Se Lacan estiver correto, Joyce foi um psicótico não desencadeado (Soler, 2007).

O desencadeamento e as estabilizações

A psicanálise de orientação lacaniana adota a tese do inconsciente estruturado como linguagem. No texto intitulado *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, Lacan (1957-58/1998) construiu a sua primeira doutrina da estrutura da psicose. Nesse mesmo texto, ele asseverou: “[...] que significa que o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)” (Lacan, 1957-58/1998, p. 555).

Pois bem, pensar as psicoses a partir de uma perspectiva estrutural implica em uma série de consequências, inclusive na possibilidade de concebê-la em um período anterior às crises e às manifestações tradicionalmente associadas a ela, tais como: os delírios e as alucinações. Estamos, por conseguinte, tocando em uma questão complexa, mas fundamental para o entendimento da estrutura psicótica, a saber: o

diagnóstico da psicose em meio à ausência dos seus fenômenos elementares tradicionais. Este fato, segundo Calligaris (1989), em uma clínica estrutural, torna-se possível.

Certamente, não queremos aqui diminuir a importância que a crise, o desencadeamento da psicose, exerce para o diagnóstico diferencial. Principalmente, porque, por meio dela, somos levados a refletir sobre a forclusão como condição essencial da psicose. Sem dúvida, no episódio de desencadeamento é possível identificar um apelo que não foi atendido e que, como veremos a seguir, diz respeito a uma não inscrição.

Porém, antes de entrarmos neste ponto, devemos ressaltar que em uma psicose não desencadeada, não apenas fora da crise, mas anterior a qualquer encontro desastroso com a função paterna, uma questão se faz presente: o que sustentaria o sujeito até o momento da crise? De acordo com Soler (2007), para Lacan, em 1956, a resposta se encontraria em uma identificação imaginária, na qual o sujeito assume o desejo da mãe. Na psicose, quando essa identificação é abalada, uma dissolução imaginária acontece.

Isso se revela para nós um campo fértil para se pensar naquilo que falha em se inscrever nesta estrutura e mantém profunda relação com o episódio da crise, o desencadeamento. Neste viés, tomemos o Seminário 3 - *As psicoses*, no qual Lacan (1955-56/2008) afirma: “Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (p. 100). Para compreendermos esse fato, devemos antes lembrar que em se tratando de realidade para o psicótico, Lacan defendeu uma falha estrutural, um buraco, que diz respeito a uma *Verwerfung* da lei paterna. Este termo, que alguns comentadores traduzem como forclusão, enquanto que outros traduzem como forclusão, foi primeiro tomado por Freud no sentido de recusa, tal como a recusa da diferença entre o eu e o isso ou, então, entre os sexos.

Posteriormente, Lacan associou a esse termo uma acepção que será fundamental para a compreensão da estrutura psicótica, a saber: o sentido de uma “falha” na inscrição da metáfora paterna. Todavia, devemos

lembrar que apesar de utilizar termos tais como “falha” e “buraco”, isso não quer dizer que a psicose possa ser tomada om base num déficit em relação à neurose. O psicanalista francês, em nenhum momento, propõe uma hierarquia, na qual a psicose se encontraria abaixo da neurose. Pelo contrário, ele vai pensar ambas como estruturas distintas da personalidade. Todavia, é lícito salientar que na psicose, o sujeito não se submeter à simbolização, tal como na neurose. Nesta medida, o psicótico cai sob o golpe da Verwerfung primitiva (Lacan, 1955-56/2008).

Estamos entrando na temática do complexo de Édipo. Assim vemos outra passagem de Lacan (1955-56/2008) do Seminário 3:

O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma, está destinada ao conflito e à ruína. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de bem-sucedido, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do Pai (p. 118).

Aqui vemos Lacan ressaltando a necessidade de que um terceiro venha intervir. No entanto, este terceiro não diz respeito a um pai natural, a um pai real, mas, sim, àquele que exercer a função de pai. Dessa forma, ele situou essa função paterna na estrutura do sujeito, através de um significante primordial, o significante do Nome-do-pai. Significante esse que deve ser pensado com base na ordem do mito, pois, quando Lacan (1955-56/2008) questiona: “O que quer dizer o significante primordial?” (P. 179), ressalta que esse significante tem todas as características do mito, não havendo, portanto, um momento específico em que o sujeito o adquiere.

De qualquer maneira, o Édipo chegou a ser compreendido com base numa substituição metafórica em que o significante do Nome-do-Pai substitui o significante do desejo da mãe. Segundo Soler (2007), o que dá sentido ao ser do sujeito, ao ser do vivente, vai ser

essa significação fálica que a metáfora promove, tal como ela afirma: “o Nome-do-Pai que substitui o Desejo da Mãe faz surgir no lugar do significante a significação do falo” (p. 197). Entretanto, isso diz respeito à neurose. Em se tratando da psicose, o sujeito não irá pagar o preço do comprometimento simbólico, o que representa a não travessia do Édipo, resultando na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e no fracasso da metáfora paterna (Quinet, 2003).

Vemos aqui, por meio do conceito de forclusão, a introdução por parte de Lacan, de uma concepção descontinuista, na qual não se concebe a passagem de uma estrutura para outra; em outras palavras, ou há inscrição do significante paterno ou não há.

Pela não inscrição do significante primordial, o psicótico se encontra sujeito a uma desestruturação, ocasionando uma problemática em relação a situar-se na partilha dos sexos, de modo que acarreta aquilo que, para Lacan, é a marca essencial da psicose: os distúrbios da linguagem e a alucinação.

Verifica-se aí os momentos da crise, mas, como afirmamos, existe um momento anterior à desestabilização em que o sujeito psicótico se sustenta. Abordamos essa questão, de acordo com Soler (2007), com base no sentido lacaniano de identificação imaginária com a mãe. Agora, encontramos em Lacan os conceitos que nos permitem explicar melhor esta questão. Porque, no entendimento de que na psicose, em função da forclusão do Nome-do-pai, haveria uma “falta” de referência simbólica, nos permite compreender melhor o fato de que o psicótico mantém uma relação especial com o registro do imaginário.

Com isso, queremos dizer que a relação do sujeito psicótico com o outro, não vai se fundamentar em uma mediação simbólica, ao invés disso, o que podemos notar é uma relação dual com o duplo imaginário, na qual o psicótico toma o outro para espelho e modelo. Essa identificação imediata nos permite pensar o período anterior às crises, já que o sujeito psicótico pode vir a encontrar uma frágil compensação através de uma identificação imaginária com a mãe. No entanto, devemos deixar claro que essa compensação não ocorre apenas com relação à figura da mãe, podendo, também, acontecer por

meio de outra figura, com a qual o sujeito possa identificar-se. Por exemplo, no caso de um psicótico masculino a compensação pode acontecer através de uma identificação com o pai. Nas palavras de Lacan (1955-56/2008):

Suponhamos que essa situação comporte precisamente para o sujeito a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico. O que lhe resta? Resta-lhe a imagem a que se reduz a função paterna. É uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas cuja função de modelo, de alienação espetacular, dá ainda assim ao sujeito um ponto de enganchamento, e lhe permite aprender-se no plano imaginário (p. 239).

Todavia, como afirmamos, essa compensação é frágil. Por este motivo, Lacan comparou o momento anterior ao desencadeamento com um banquinho de três pernas, o escabelo², cuja instabilidade resultaria da ausência de uma quarta perna. Uma compensação dessa ausência se daria através de “muletas imaginárias”, ou seja, por uma via identificatória que, no momento do desencadeamento, revelam-se insuficientes.

Essa instabilidade na psicose mantém uma relação direta com a forclusão do Nome-do-Pai, que, por sua vez, de acordo com Soler (2007), não deve ser concebida como causa da psicose e, sim, como condição essencial. A justificativa para tal afirmação se encontra no fato de que é necessária uma “causa adjunta”, termo que foi utilizado por Freud (1911/1996) em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (desmentia paranoides)*³. Segundo a autora, para Lacan (1966/1998), essa “causa adjunta” consiste em um apelo ao Nome-do-Pai, que ocorre quando há um encontro do sujeito com a função paterna, ou seja, no fracasso do ponto de basta, tal como citado em seus *Escritos*: “pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamento do significante de onde provém o desastre crescente

2 Tradução para o português do termo francês *escabeau*, cujo significado é banco com suporte para os pés.

3 Freud analisou esse caso apenas com base no escrito autobiográfico de Schreber (1903/1995), intitulado *Memórias de um doente dos nervos*.

do imaginário” (p. 584). Como consequência da não inscrição paterna na psicose, o registro simbólico se constitui como uma totalidade sem furo, sem falta, que se manifesta como Outro absoluto, que faz do sujeito um objeto que é “invadido por um gozo, sob a forma de sofrimento, de angústia, de despedaçamento do corpo, de vozes e outros fenômenos da ordem do insuportável” (Quinet, 2003, p. 220).

Na citação supracitada, Quinet (2003) comenta sobre o terrível momento da desestabilização. Mas e a estabilização, o que podemos dizer sobre ela? A estabilização na psicose é um termo e não um conceito lacaniano. Em um primeiro momento, Lacan (1932/1987) abordou em sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade*, a passagem ao ato de Aimée. Nesse caso, é interessante notar que este fenômeno configura uma interrupção no movimento de significação. Sendo assim, Aimée não chega a se envolver em um trabalho de significação até uma metáfora delirante. Em *As psicoses* (Lacan, 1955-56/2008), podemos articular o termo estabilização psicótica sob a luz da metáfora delirante. No último ensino lacaniano, a estabilização pode ser pensada com base na ênfase dada pela via do *Sinthoma*, de acordo com as leituras de Lacan sobre o escritor James Joyce.

Naquela que pode ser considerada a primeira clínica de Lacan, a metáfora delirante se encontra no centro de todo tratamento possível da psicose, uma vez que essa metáfora era considerada o “ponto de chegada” da construção subjetiva delirante, estabilizadora do sujeito.

Não há dúvida de que podemos encontrar no caso paradigmático do presidente Schreber, o melhor exemplo para a proposição freudiana de que “A formação delirante, que presumimos ser produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, uma reconstrução” (Freud, 1911/1996, p. 94-95). No delírio de Schreber, onde ele seria transformado em uma mulher e, juntamente com Deus, iria procriar e povoar a terra com uma nova raça de homens, encontra-se uma solução delirante em que o Outro não barrado de Schreber é reinterpretado, de uma maneira em que o delirante pode ocupar o lugar de sujeito.

Entretanto, Tenório (2001) afirma que o delírio pode não ser uma tentativa bem-sucedida. Ou, como acrescentamos, ela pode vir a não

ser duradoura. Tomemos como exemplo o próprio caso de Schreber, já que por mais que o delírio tenha trazido estabilização ao sujeito, após um curto período de tempo, ele voltou a ser internado novamente e assim permaneceu durante os seus últimos dias de vida.

A suplência

Inicialmente, como vimos, quando Lacan aborda a questão da metáfora delirante, ele não o faz com base na perspectiva de um complemento, ou, então, de suplemento. Sua ênfase se encontra inicialmente em um processo metafórico substituto que dá conta de uma falta da metáfora paterna, a forclusão do Nome-do-Pai. Assim, apesar do Seminário 3 (Lacan, 1955-56/2008) já apresentar uma indicação de que esta falta poderia ser compensada, até então, ele não havia apresentado ainda a noção de suplência.

Lacan (1956-57/2009) falou de suplência pela primeira vez no Seminário 4 - *A relação de objeto*. O que é curioso observar é que ele o fará, não com relação a um caso de psicose, mas sim, no caso de fobia do pequeno Hans. Dessa forma, ele ali abordou a suplência para falar de uma compensação de carência paterna em um caso de neurose. Décadas após a realização desse seminário, Lacan (1974-75), no Seminário *R. S. I.*, volta a falar sobre a noção de suplência, mais especificamente no momento em que ele passa a questionar se o enodamento dos três registros –Imaginário, Simbólico e Real– necessitaria de uma ação suplementar (Guerra, 2007).

Trata-se, pois, da topologia do nó borromeano, do percurso que Lacan atravessou de uma crítica à necessidade de Freud de um quarto termo, que o psicanalista francês associou com o conceito de *realidade psíquica* (*Realität*), até uma aceitação de um termo a mais e necessário para manter unidos os três registros (Lacan, 1974-75).

Assim, Lacan tomou a *realidade psíquica*, proposta por Freud, como um quarto termo suplementar aos três registros, e foi mais além ao associar o complexo de Édipo com o nome que a *realität* receberia. Dessa maneira, assistimos Lacan tomar o complexo de Édipo como um quar-

to termo que sustenta os três registros, pelo menos no que diz respeito à neurose. Mas, o que nos interessa em nosso trabalho é destacar que em um momento anterior ao Seminário *R. S. I* (Lacan, 1974-75), Lacan já tinha a noção de que o próprio Nome-do-pai era um elemento suplementar. Tal como afirma Soler (2007), essa ideia já estava presente no caso do pequeno Hans, no qual o sintoma fóbico é associado a uma construção que resultou em uma compensação de carência paterna.

No caso de Hans, encontramos apenas um exemplo de complemento à metáfora paterna, pois, tratava-se de uma neurose. Mas o que nos interessa em nossa pesquisa é a possibilidade de que na psicose o buraco da forclusão paterna venha a ser preenchido por algo que, apesar de exercer a mesma função do Nome-do-Pai, não vem a ser o significante do Nome-do-Pai propriamente dito. O que estamos abordando aqui é a possibilidade de que outros significantes ocupem a mesma função, em outras palavras, “a função de bastreamento do imaginário e do simbólico” (Soler, 2007, p. 205). Isto, por sua vez, levou Lacan a promover uma pluralização, resultando na temática concernente aos Nomes-do-Pai.

Lacan associou esse plural, tal como fez no Seminário *R. S. I*. (Lacan, 1974-75), com a suplência do Nome-do-Pai. Na verdade, esse significante passou a ser concebido como um elemento suplementar, o que implica na generalização do conceito de suplência. Pois, não diz respeito apenas à psicose, mas, também, à própria neurose.

Entretanto, devemos esclarecer que a suplência só será concebida por Lacan como um quarto termo que enoda os três registros a partir do Seminário 22 (Lacan, 1974-75) e 23 (Lacan, 1975-76/2007), em especial nesse último, já que nele, Lacan vai abordar a obra de Joyce, sobre a perspectiva de que este tenha conseguido suplenciar a falha paterna em um período anterior ao próprio desencadeamento psicótico.

O objeto *a* no bolso

Como vimos anteriormente, a solução “schreberiana”, que se caracteriza pela construção delirante, não se constitui como a única solução

possível para o sujeito psicótico, havendo, assim, vias alternativas para que o sujeito possa civilizar o gozo aterrador do Outro. De acordo com Quinet (2006), nos anos 1970, a ênfase de Lacan deixa de ser a supremacia do simbólico e recai sobre a interdependência entre os três registros: real, simbólico e imaginário. Em uma vinculação de nó borromeano, cada registro é representado por um anel, e cada anel se encontra atrelado aos demais, de uma forma que, se houver o rompimento de um, todos os demais serão liberados. Igualmente a esse nó, a estrutura do sujeito passa a ser definida. Em outras palavras, quando houver sujeito, conclui-se que há amarração borromeana dos três registros. Em 1976, no Seminário 23 *O sinthoma* (Lacan, 1975-76/2007), percebemos que o nó, que até então era apresentado com três termos, passa a ser apresentado com um quarto termo chamado de *sinthoma* e cuja função é reparadora do nó (Beneti, 2005). A arte pode servir de *sinthoma* e exercer a função reparadora do nó que amarra e organiza a experiência subjetiva. No caso de Arthur Bispo do Rosário, encontramos um exemplo de tal amarração. Trata-se de um sujeito psicótico que a crítica especializada elevou a condição de um artista de vanguarda, um título que, sem dúvida, não almejou para si. Apesar de não ter recebido nenhuma formação de artes, sua obra é vista por Dantas (2009) como: “de uma contemporaneidade incontestável, está em sintonia com o que há de mais radical e criativo em algumas das vanguardas da segunda metade do século XX” (p. 14). Nascido em 1911 e morto em 1989, ele passou quase dois terços de sua vida internado em instituições psiquiátricas, nas quais recebeu o diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Antes da primeira internação, foi um Fuzileiro naval. Após deixar a Marinha, passou por diversos serviços até que foi contratado como empregado doméstico de um advogado. O seu primeiro surto foi associado a esse período. Ele teve uma visão em que sete anjos azuis desciam em nuvens, em seguida desapareceu. Ao ser reencontrado, foi encaminhado para o hospício. Aqui, infelizmente, não temos a oportunidade de nos aprofundar na sua interessante biografia, mas é importante destacar um episódio que marcou a sua vida. Enquanto estava internado teve uma alucinação auditiva de uma voz que lhe convocava a reconstruir o mundo. Antes disso, ele já havia relatado diferentes delírios, mas após essa alucinação é que se desencadeou uma criação como sintoma, na qual ele recebera a tarefa de reconstituir e representar tudo e todos no mundo, uma obra para

ser apresentada a Deus. Assim, o delírio se mostrou insuficiente por si só nesse caso, necessitando integrar a criação delirante outro tipo de criação, a da arte. Por isso, ele recorreu ao “trabalho concreto de escrever com agulha e linha o nome de coisas, de reuni-las e reproduzi-las” (Tenório, 2001, p. 127), exemplificando a criação artística como um meio de produzir um objeto de gozo separado do corpo.

Tanto o delírio como a arte, na psicose, pertence à ordem da criação. Aqui é adotado o termo *criação* ao invés de *produção* porque, segundo Lacan (1959-60/2008), no seminário *A ética da psicanálise*, toda criação se faz a partir do nada (ex-nihilo), o que implica em uma novidade de objeto com relação ao que existia antes. Entretanto, essa criação na psicose não passa pela ordem estabelecida pela cultura, já que a mesma é estruturada pela ordem do pai simbólico.

A arte da cultura, ou seja, do registro da neurose, teve na clínica freudiana uma relação com as fantasias do sujeito neurótico, e seu produto se constituía em uma formação do inconsciente do sujeito que poderia ser lida e interpretada (Alvarenga, 1999). Assim, vemos em Freud a arte ser articulada com o conceito de sublimação da pulsão sexual. No que tange à arte sustentada pelo Nome-do-Pai, esta “se organiza em torno do vazio da Coisa esvaziada de seu gozo, povoando esse vazio com os objetos imaginários que tanto satisfazem nossos devaneios” (Quinet, 2003, p. 221).

Enquanto na neurose a criação do objeto se fundamenta na operação da metáfora paterna, na psicose, a criação se fundamenta justamente na sua ausência, o que resulta no não esvaziamento da *Coisa* de seu gozo pela castração. Frente a isso, o sujeito utiliza-se da criação delirante ou da arte como meio de barrar o gozo da *Coisa*. Por isso, é de se esperar que a arte na psicose não tenha como endereço o Outro da cultura, tal como acontece na neurose, tendo em vista, que segundo Lacan (citado Quinet, 2006): “O Louco é o homem livre por excelência; ele não precisa do Outro para causar seu desejo, pois leva o objeto a no bolso” (p. 26). Partindo desse ponto, vejamos agora como o psicótico se relaciona com o objeto *a* e quais são as implicações disso para as soluções que este possa vir a apresentar diante da forclusão do Nome-do-Pai.

O objeto *a* foi formulado por Lacan a partir do conceito freudiano de *das ding*, a Coisa ao lado do gozo e do objeto *álgama* da transferência. Tal conceituação vai se revelar fundamental para a constituição do campo do gozo e a teoria dos discursos como laços sociais (Quinet, 2006). Mas, para que possamos abordar a relação de um sujeito psicótico com o objeto *a*, devemos nos voltar primeiramente para a questão levantada por Freud em *Introdução ao narcisismo* de que na psicose a libido se volta para o eu, ao invés de se voltar para um objeto externo. Essa é uma questão que Lacan vai retornar ao propor que o objeto *a* na psicose não se encontra separado, ou, então, perdido e marcado pela falta. Ao contrário disso, ele se encontra ao lado do sujeito louco, em seu bolso.

Na neurose, os objetos, tais como os objetos da pulsão, vão se constituir perdidos e extraídos do campo da realidade graças à marca da castração. Tendo em vista que o psicótico é marcado pela forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, inferimos que os objetos não recebem essa marca, o que resulta na tendência deles retornarem no campo da realidade. Explicando melhor, de acordo com Quinet (2003), na neurose o Édipo serve de anteparo que impede que objetos, como a voz e o olhar, retornem ao campo da realidade, como nos coloca o autor: “A lei do pai marca esses objetos como impossíveis de serem reencontrados.” (p. 66). Enquanto que na psicose, o objeto *a*, por não estar excluído da linguagem por meio da inscrição da Lei da castração no Outro, emerge no campo da realidade na forma do olhar ou da voz, o que se revela fundamental quando se trata do diagnóstico da psicose.

Como afirmamos anteriormente, esse Outro não castrado da psicose se apresenta ao sujeito como que absoluto, fazendo deste seu objeto de gozo. Da mesma maneira, as soluções psicóticas como o delírio e as obras de arte podem ser consideradas como tentativas de impor uma separação do objeto *a*, que se encontra ao lado do sujeito psicótico, para que desta forma o gozo do Outro aterrador passe para um objeto separado de seu corpo. Com relação a esse fato, podemos pensar Schreber e Arthur Bispo do Rosário. Agora, com relação a James Joyce, uma pergunta se faz presente: como essa questão é apresentada?

Devemos lembrar que Lacan tomava o caso de Joyce no sentido de uma psicose não desencadeada. Além disso, no Seminário 23, Lacan (1975-76/2007) não se remete a questão da voz no campo da realidade de Joyce, ou seja, ele não afirma que o escritor era atormentado por vozes provenientes do Outro aterrador. Ao invés disso, ele abordou a questão das palavras impostas, ou seja, a experiência singular de Joyce com as palavras, que lhe aparecem como estrangeiras. Por meio de seu *sinthoma*, Joyce vai encontrar uma forma de lidar com esse aspecto de imposição das palavras. Diante disso, não podemos concluir que o *sinthoma* de Joyce possa ser compreendido com base no mesmo sentido que a solução de Bispo, pelo menos no que diz respeito à tentativa de separar o objeto *a* do corpo.

Schreber e Joyce na perspectiva do campo do gozo

Na teoria lacaniana, é possível diferenciar dois campos: o campo da linguagem e o campo do gozo. No primeiro campo, a ênfase dada aos fenômenos psicóticos se encontra nas anomalias da significação e da identificação imaginária, enquanto que, no segundo campo, a ênfase se encontra nos fenômenos de gozo diretamente ligados ao significante, num curto circuito sobre o imaginário. Ao abordarmos o campo do gozo, somos levados a refletir o que vem a ser o gozo. Segundo Quinet (2006), o gozo não possui limites e não pode ser reduzido ao sexo, já que não pode ser aprisionado pelo significante fálico. O gozo pode se manifestar de diferentes formas: na repetição do significante, que constitui o inconsciente como saber, o gozo se presentifica como traço unário (S1), como saber como meio de gozo e, também, pode se fazer presente na entropia, ou seja, na perda produzida pelo funcionamento do aparelho. Tal perda representa uma recuperação de mais-valia de gozo (Quinet, 2006).

Sob a forma de gozo, a pulsão de morte não simbolizada pode retornar ao laço social, trazendo consigo as impossibilidades de laços entre os homens. Nesta perspectiva, somos remetidos ao real, ao campo do gozo, como aquilo que é impossível de ser escrito e suportado. Os discursos dizem respeito, justamente, a esse âmbito do gozo dos

impossíveis e, desta forma, os laços sociais representados pelos quatro discursos, constituem-se como possibilidades diante da impossibilidade da relação sexual.

O campo do gozo nos permite ver na abordagem da psicose outro aspecto das suplências, além do aspecto do significante, no sentido de que passa a ser possível interpretar a suplência como uma forma de restrição do gozo, ou uma localização deste. Sob este prisma, a clínica passaria a ter, como um de seus objetivos, o de fazer com que o gozo seja inserido dentro de limites.

O próprio caso de Schreber exemplifica essa tendência de impor limites ao gozo, porque é possível perceber um percurso, uma mudança na posição do sujeito perante o mesmo. No início de sua elaboração delirante, Schreber se encontrava imerso no gozo que o assaltava por todos os lados. Na verdade, tratava-se de um gozo avassalador. Após a elaboração delirante, ele consegue localizar o gozo no âmbito da fantasia de copular com Deus. A partir de então, o gozo que outrora o assaltava, passou a se localizar, concretamente, nos momentos de solidão, nos momentos em que ele não tinha mais nada para fazer e ficava diante do espelho contemplando sua imagem feminina. De acordo com Soler (2007), Schreber passa a contemplar a si mesmo com os olhos de Deus. Em se tratando de Joyce, também podemos pensar em termos de uma localização do gozo, promovida ali não por meio do delírio, mas por meio de uma arte. Contudo, não se trata de uma arte qualquer, porque, tal como afirma Rinaldi (2006): “A arte de Joyce substancializa em sua consistência e em sua existência o quarto termo essencial ao nó, aproximando-se dele o mais possível” (p. 79).

Em Schreber, é possível encontrar uma limitação do gozo avassalador do Outro através de uma tentativa de cura delirante. Entretanto, observa-se que o sujeito, mesmo após a estabilização, ainda se encontra à mercê dos caprichos do grande Outro. Se tomarmos o exemplo de Schreber, é possível perceber que, em seu delírio, ele pode ser situado de duas maneiras. Primeiro, ele se encontra na posição daquilo que dá significação às vozes de Deus, já que ele é quem tem que completar as vozes interrompidas e provenientes da massa das almas incluídas em Deus. Em suma, todas as vozes divinas re-

presentam o S1 e convergem para Schreber, que na posição de S2, completa a significação delas. Ele se encontra na posição que é ocupada pelo escravo no discurso do mestre e é forçado ao trabalho do pensamento ininterrupto (Soler, 2007).

A outra posição em que ele é situado, em seu delírio, diz respeito ao gozo do Outro. Por conseguinte, Schreber faz com que Deus goze na medida em que se encontra na posição de significante que dá significação a todas as vozes divinas. Por fim, com base na afirmação de Soler (2007): “poderíamos escrever o fora-do-discurso schreberiano: o significante não representa o sujeito e não há barreira para o gozo, e, entre Deus e Schreber, quase poderíamos evocar uma relação sexual” (p. 65).

Poderíamos afirmar que Schreber também se encontra na posição de objeto *a*, já que ele trabalha no gozo de Deus. No momento da aproximação de Deus, ambos gozam, porque o gozo de um é o gozo de outro, no entanto, quando Deus se afasta, produz-se o grito do “milagre do urro” e Schreber torna-se um texto rasgado, decaído como objeto, não de gozo, mas de resto. De qualquer forma, o delírio de Schreber trata-se de um restabelecimento do sujeito. No que se refere à criação de Joyce, esta significou uma autoprevenção da desestabilização, posto que antes do desencadeamento ele se identifica ao sintoma.

Conforme Miller (2007) afirma, o que inspirou Lacan em sua derradeira lição não foi Freud, pelo contrário, já que esse último momento representou a fase em que Lacan mais criticou Freud. Dessa forma, quem veio a inspirá-lo nesse derradeiro ensino, foi James Joyce com sua prática de escrita e sua encarnação do sintoma. Assim, Joyce é o que melhor exemplifica a teoria do *sinthoma*, de modo que, se levamos em consideração que o sintoma passa a ser visto como uma função da letra que fixa o gozo fora da linguagem, então o sintoma Joyce se destaca porque sua escrita consegue transformar todo o “gozo-sentido”, cuja literatura, habitualmente, veicula num gozo da letra, fora do sentido.

Joyce tinha uma intenção, a de que seus leitores se ocupassem dele por um longo período de tempo, por trezentos anos. Sua escrita contribui até hoje para que isso aconteça, pois em sua produção iden-

tificamos uma forma, tal como Lacan descreve, de picar as frases. Na verdade, a escrita joyciana se constituía em um processo de dar outro uso à língua em que se escreve. Sobre isso, Almeida (2015) afirma:

A escrita de Joyce destrói a linguagem e, em contrapartida, dá vida à língua. Para tanto, ele lança mão do enigma, que consiste na conversão do vazio de significação em seu contrário, ou seja, de certeza de revelação. As experiências enigmáticas aparecem com clareza nos fenômenos que ele descreveu como *epifanias*, cujos fragmentos realmente ouvidos em situações quaisquer, eram separados do contexto e cuidadosamente guardados como o mais precioso de sua obra. Curiosamente, veio a acontecer em momentos em que nem mesmo havia uma obra, mas isso não foi empecilho para que posteriormente tais *epifanias* fossem inseridas de forma oculta em sua obra (p. 26).

Note-se que esses fenômenos, ao serem retirados de seu contexto, representavam uma abolição da significação e, conseqüentemente, da linguagem.

As *epifanias* representavam um fragmento estritamente análogo ao significante fora-do-sentido que Lacan observou no caso de Schreber. No entanto, não se tratava de uma elaboração delirante, pelo contrário, até porque a tarefa de significação, que normalmente cabe ao delírio, no sintoma de Joyce, é transferida para o público, mais precisamente para os comentadores.

No contexto analítico, uma tendência que observamos é que o analisando fala para o Outro, mas, segundo Miller (2007), pode haver um momento raro e mais profundo em que o analisando fala para si, o que promove satisfação. Um circuito de satisfação que também pode ser considerado como pulsão, o que remete à fórmula de Freud na qual a pulsão oral é ilustrada com a imagem de uma boca que beija a si mesma. No Seminário 23, Lacan (1975-76/2007) nos apresenta Joyce como um paradoxo, um sujeito sem o Outro, que fala para si. Segundo Miller (2007):

Se tentarmos abordar o de que se trata aqui, talvez pudéssemos dizer que esse capítulo nos apresenta –ao longo da vida de Joyce, da análise de decomposição do discurso de Joyce e de sua posição– o

paradoxo de um sujeito sem Outro, que fala para si e onde tudo o que decorre do Outro é suspeito de ser apenas –a palavra está em seu capítulo– fabricação (p. 77).

Este falar para si, em Joyce, não impediu a resposta maciça do discurso universitário e do seu saber para tentar lidar com o traumatismo que a escrita singular deste autor promoveu na língua inglesa. Por outro lado, esta tentativa de transformar o discurso de Joyce em saber acabou por revelar que, no fundo, James Joyce era não interpretável (Miller, 2007).

No lugar exceção, Joyce não delira e goza solitariamente. Para tanto, ele conseguiu promover uma transferência do simbólico para o real, além de restabelecer o seu laço social através de uma literatura estranha e fora do discurso. Aqui, nos deparamos com um paradoxo do sintoma de Joyce, uma vez que ele restabelece o vínculo social por meio de uma escrita que abole justamente este vínculo (Soler, 2007).

Concluindo, vimos até aqui duas possibilidades de suplência subjetiva que o sujeito psicótico pode recorrer na busca de sua estabilização. A primeira, através da metáfora delirante, que é uma formação imaginária; e a segunda, pela via da emergência do *sinthoma*, em que há uma conjunção do Simbólico com o Real. Mas, é preciso lembrar que, conforme afirma Alvarenga (1999), a clínica tem demonstrado que uma solução não descarta a outra, ou seja, existem casos em que é possível constatar a construção de uma metáfora delirante, por um lado; e uma produção de *sinthoma*, por outro. Como vimos no caso do Bispo do Rosário, seu trabalho de estabilização apresentou as duas vertentes: a atividade criativa e atividade delirante.

No caso de Schreber, em sua elaboração delirante, ele fez uso do significante de tal forma que, apesar de lhe fornecer estabilização, não representa uma separação do Outro. Dessa forma, ele permanece à mercê de um gozo do Outro ainda mais intensificado. Neste aspecto, somos remetidos à abordagem das suplências dos Nomes-do-Pai.

O trabalho delirante teve em Schreber uma função metafórica, substituindo assim o significante fálico faltante pela elaboração deli-

rante de “ser a mulher de Deus”. Portanto, já não se trata de um único significante capaz de exercer essa função suplementar do caráter nodal dos elementos simbólicos, reais e imaginários, mas de uma variedade de possibilidades que Lacan veio a representar como Nomes-do-Pai. Todavia, o que importa é que nesse escrito já havia a ideia de que a falta da metáfora paterna poderia ser compensada e a prova disso estaria no próprio fato de que o sujeito psicótico pode permanecer, por um longo período de tempo, sem que a psicose se desencadeie.

A partir de então, a clínica não estará mais restrita ao delírio como uma tentativa de cura do psicótico, pois é o que podemos encontrar nos exemplos de Arthur Bispo do Rosário e James Joyce. Porém, o que mais vai ilustrar a teoria do *sinthoma* será o de Joyce que, com sua arte, conseguiu tapar o buraco da forclusão paterna em um período anterior ao próprio desencadeamento (Soler, 2007).

Bibliografia

- Almeida, R. M. G. (2015). O ego particular de Joyce: da experiência epifânica ao *sinthoma*. *Revista Subjetividades* 15(1), 24-36. Recuperado de: <http://ojs.unifor.br/index.php/rmes/article/view/4516/3644>
- Alvarenga, E. (1999). A clínica das psicoses: o trabalho criativo e seus efeitos na clínica da psicose. *Curinga: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (13), 118-121.
- Beneti, A. (2005). Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante. *Revista Opção lacaniana*. Recuperado de: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n3/pdf/artigos/ABDiscurso.pdf>
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dantas, M. (2009). *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freud, S. (1911/1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoides*). Em J. Strachey (Ed.) e J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XII (15-89). Rio de Janeiro: Imago.
- Guerra, A. M. C. (2007). *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência* (Tese de doutorado não publicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

- Lacan, J. (1932/1987). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universidade.
- _____. (1955-56/2008). *O seminário, livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1956-57/2009). *O seminário, livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1957-58/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em *Escritos* (537-590). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1959-60/2008). *O seminário, livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1966/1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1974-75). *O seminário, livro 22. R. S. I.* Inédito.
- _____. (1975-76/2007). *O seminário, livro 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Miller, J-A. (2007) *Perspectivas do seminário 23 de Lacan: o sinthoma*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Quinet, A. (2003). *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universidade.
- _____. (2006). *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro, Brasil: J. Zahar.
- Rinaldi, D. (2006). Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, (188). Recuperado de: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_06.pdf
- Schreber, D. P. (1903/1995). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra.
- Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Tenório, F. (2001). *Da reforma psiquiátrica à clínica do sujeito: psicanálise e psiquiatria, controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Monteiro, Guedes de Almeida - Ricardo. (2017). As estabilizações na psicose: metáfora delirante e sinthoma. *Revista Affectio Societatis*, 14(26), 13-32 Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>